



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

JOCÉLIA DE LIMA LUIS DA SILVA

**PRÁTICAS DIDÁTICO-METODOLÓGICAS DE
GRAMÁTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

GUARABIRA - PB

2016

JOCÉLIA DE LIMA LUIS DA SILVA

**PRÁTICAS DIDÁTICO-METODOLÓGICAS DE
GRAMÁTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

Trabalho de Conclusão de Curso Submetido à
universidade Estadual da Paraíba para fins de
requisitos necessários para obtenção do Grau de
Licenciatura em Letras sob Orientação do Professor
Dr. Juarez Nogueira Lins.

GUARABIRA - PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586p Silva, Jocelia de Lima Luis da
Práticas didáticas metodológicas de gramática nas aulas de
língua portuguesa no ensino fundamental II [manuscrito] / Jocelia
De Lima Luis Da Silva. - 2016.
23 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Juarez Nogueira Lins, Departamento de Letras".

1. Ensino de Gramática. 2. Práticas Metodológicas. 3.
Escola Básica. I. Título.

21. ed. CDD 372.61

JOCÉLIA DE LIMA LUÍS DA SILVA

**PRÁTICAS DIDÁTICO-METODOLÓGICAS DE
GRAMÁTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

Artigo apresentado ao Programa de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Área de concentração:

Aprovada em: 20,10,2016

BANCA EXAMINADORA

Juarez Nogueira Lins

Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Leônidas J. da S. Jr.

Prof. Dr. Leônidas José da Silva Júnior
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Líbia Leaby Leite Barbosa

Prof. Esp. Líbia Leaby Leite Barbosa
Universidade Estadual da Paraíba (PROFLETRAS/UEPB)

PRÁTICAS DIDÁTICO-METODOLÓGICAS DE GRAMÁTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

JOCÉLIA DE LIMA LUIS DA SILVA

RESUMO

Diante das dificuldades do ensino de língua portuguesa, em especial, do ensino de gramática, na escola básica, esse artigo objetivou descrever e analisar algumas opções didático-metodológicas utilizadas por professores (as) no Ensino Fundamental de Escolas Públicas de Guarabira/PB. Como suporte teórico os estudos de Bakhtin (1999; 2006), Geraldi (2006), Antunes (2003; 2014); Travaglia (2002), Ilari (2011), Franchi (1998) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998; 2001) entre outros. Tratou-se de uma pesquisa quanti-qualitativa de cunho bibliográfico, com subsídio de pesquisa de campo e observação não participante. Quatro professores (as) foram entrevistados e destes, dois observados – quatro aulas de cada. Os resultados apontam que algumas práticas que se encaminham para novas posturas metodológicas, no entanto, apesar da inserção dos estudos linguísticos, ainda estão muito presentes na sala de aula de LP, antigas posturas metodológicas, no que diz respeito ao ensino de gramática.

Palavras-chave: Ensino de gramática, Práticas metodológicas, Escola básica.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	05
2	GRAMÁTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ALGUMAS QUESTÕES	06
	2.1 O Ensino de Língua Portuguesa na escola pública	06
	2.2 O Ensino de Gramática na aula de Língua Portuguesa	09
	2.3 Práticas mais comuns nas aulas de gramática – a perspectiva teórica	10
3	METODOLOGIA DA PESQUISA	11
	3.1 A natureza da pesquisa	11
	3.2 Participantes e instrumentos da pesquisa	12
	3.3 Procedimentos metodológicos da pesquisa	12
4	APRESENTAÇÃO DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	12
	4.1 Apresentação e discussão dos dados da entrevista docente	13
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
	REFERÊNCIAS	

INTRODUÇÃO

Uma gramática descontextualizada, amorfa, da língua como potencialidade; gramática que é muito mais “sobre a língua” desvinculada, portanto, dos usos reais da língua escrita ou falada na comunicação do dia a dia (ANTUNES, 2003).

As nossas vivências enquanto alunos do ensino básico (já fomos um dia), enquanto licenciandos do Curso de Letras (realizando leituras e discussões teóricas) e hoje, enquanto bolsistas PIBIC, realizando discussões e observações da prática docente, nos permitem atestar: muitos docentes da disciplina de Língua Portuguesa (LP), apesar dos estudos linguísticos de pesquisadores como (Bakhtin, 2006; Antunes, 2003, 2014; Geraldi, 2006; Travaglia, 2002; Ilari, 2011; Franchi, 1998; os Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998...), ainda esbarram nos ranços da gramática tradicional, descrita acima, e na dificuldade de se trabalhar essa gramática de outra forma – contextualizada, discursiva, reflexiva, enfim – que leve em consideração o texto, o contexto, o sujeito. Entre ensinar ou não ensinar gramática, tais professores (as) se questionam e, sem respostas que correspondam as suas expectativas, alguns seguem, ensinando nomenclaturas, valorizando a variedade padrão, seguindo as gramáticas tradicionais como modelo do bom uso da língua, ou seja, tratam o gramatical como se fosse um conteúdo em si, e não como um meio para melhorar a qualidade da produção linguística. E assim, esse ensino de gramática descontextualizado, não corresponde a uma prática social de uso da língua e torna-se um conteúdo estritamente escolar.

Não se discute aqui, ensinar ou não ensinar gramática, pois não há fala e escrita sem gramática (ANTUNES, 2003), mas sim, o tratamento dado ao ensino de gramática – inócuo, ainda, em boa parte das escolas públicas do país. Acredita-se que a questão que se coloca é de ordem metodológica: como os professores ensinam os conteúdos gramaticais – a partir de que estratégias didáticas? E, nesse contexto metodológico, objetivamos descrever e analisar algumas opções didático-metodológicas direcionadas às práticas de gramática nas aulas de LP, no Ensino Fundamental de Escolas Públicas de Guarabira/PB, buscando compreender o porquê de serem desenvolvidas da forma que são, atualmente, nas escolas.

Desse modo, esse artigo, resultado de uma pesquisa quanti-qualitativa, bibliográfica e subsidiada pela observação não participante, se justifica por abordar as dificuldades dos (as) professores (as), principalmente no que se refere às opções didático-metodológicas nas práticas de gramática. E, ainda, por se constituir em um instrumento de reflexão sobre o grande desafio de minimizar o tratamento dispensado ao ensino de conteúdos gramaticais, uma vez que a maior parte das atividades desenvolvidas em sala de aula sobre esses conteúdos consiste em um enfoque predominantemente metalinguístico, em desacordo com as proposições dos PCN's (1998). Nos próximos tópicos, apresentaremos com maior detalhe a metodologia da pesquisa e, em seguida, apresentaremos e discutiremos os dados coletados.

2. GRAMÁTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ALGUMAS QUESTÕES

2.1 O Ensino de Língua Portuguesa na escola pública

É evidente que no princípio foi a interjeição, insopitável pelo espanto diante do fogo, do raio. Depois foi o substantivo para designar a pedra e a chuva. E logo o adjetivo, que fazia tanta falta para ofensas. Mas eles continuam insistindo em que no princípio era o verbo (FERNANDES, 2000).

As discussões e as críticas sobre o ensino de LP não são recentes, seja jocosamente, como na gramática do bom humor, de Millôr Fernandes, seja nos variados estudos que abordam a temática. Em comum o fato de que “por um longo tempo, o ensino de Português centrou-se nas regras gramaticais que normatizam a variedade linguística padrão, apresentadas nas gramáticas tradicionais, como modelo do bom uso da língua”. (SUASSUNA ET AL, 2006, p, 227).

Como se percebe, durante décadas, o ensino de Língua Portuguesa voltou-se para o ensino da Gramática Normativa, focando na estrutura e, conseqüentemente, em atividades com um fim em si mesmas. Ao centrar-se, preponderantemente, em exercícios de análise/ classificação dos termos e das regras sacralizados (as) e impostos (as) pela Gramática Normativa, deixava-se de lado ou em segunda posição

o desenvolvimento de outras competências linguísticas, como é o caso da leitura e da oralidade.

Com base nessa percepção, destacava-se, conforme aponta Kleiman (2008) a utilização do texto como suporte didático, isto é, como pretexto para análise e classificação dos compêndios canônicos estabelecidos/ impostos pela gramática.

Esse cenário controverso acabou favorecendo, a partir da década de 80, um maior desenvolvimento de pesquisas na área de linguagem/língua. Pesquisadores de diferentes campos – Linguística, Psicologia, História, Sociologia, Pedagogia e outras – tomaram como temática e objeto de estudo a leitura e a escrita. Dentro desse contexto, o ensino de língua portuguesa, vem desde aquele momento, passando por profundas mudanças. E, em virtude daqueles estudos e pesquisas, surgiram novos fundamentos e saberes específicos que propiciam esclarecimentos sobre os mais diversos fenômenos linguísticos (FONSECA & FONSECA, 1977). Essas teorias linguísticas que compartilham de uma perspectiva de língua pragmático-enunciativa mexem com os parâmetros tradicionais de ensino.

É nesse cenário que surgem novos paradigmas norteadores, que orientam novas práticas pedagógicas para o ensino de Língua Portuguesa – teorias construtivistas e sociointeracionistas, na área de Linguística a Sociolinguística, Psicolinguística, Pragmática, Análise do Discurso - levam a uma redefinição da linguagem. A partir desses estudos, a língua passa a ser vista como enunciação, discurso, não apenas como comunicação. A língua passa a ser vista na sua relação com o contexto em que é utilizada, com as condições sociais e históricas de sua utilização (ALBUQUERQUE, 2006).

Nessa perspectiva, a partir da década de 80, se deslocaria o eixo do ensino voltado para a memorização de regras e nomenclaturas da gramática de prestígio (SANTOS, 2002). Em tese, deixava-se de lado o ensino reprodutivo, priorizando assim, o ensino produtivo e principalmente interativo, em oposição aos parâmetros tradicionais que se centravam predominantemente, nos aspectos estruturais do ensino de língua e no padrão culto da mesma. Em face da propagação desses postulados, surgiram novos princípios que ocasionaram mudanças significativas nas práticas de ensino, como por exemplo, as Unidades Básicas de Ensino, propostas por Geraldi (1984) isto é, a Leitura, a Produção de Texto, a Oralidade e a Análise Linguística.

A partir dessa perspectiva de concepção dialógica da linguagem, surgiram os PCN's na década de 90, e em suas orientações novos eixos para o ensino de LP, trazendo à tona uma perspectiva centrada na Leitura que deveria permitir que o aluno construísse os caminhos pelos quais ele atribuiria sentido ao dizer do outro; na Produção de Textos Escritos que deveria levar o aluno a expressar sua visão de mundo; na Oralidade que deveria dar margem a que o aluno participasse enquanto cidadão, do debate social; e a Análise Linguística que deveria contribuir para que o aluno, refletindo sobre a língua, buscasse e construísse explicações cada vez mais sistemáticas e articuladas sobre seu funcionamento.

Em função dessa considerável expansão dos estudos e das pesquisas linguísticas surgiu uma concepção de Linguagem como instrumento de Interação Social. Esta, por sua vez, se encaminharia rumo a um ensino sociointeracionista e inovador, que conceberia o educando como sujeito ativo na construção social do conhecimento. O sujeito passaria a ser concebido enquanto ator e construtor social, que atribui e elabora sentido, assumindo, assim, uma postura ativa. Percebe-se, assim, que, em face destas contribuições, surgiriam não só modificações na didática do Ensino da Língua Portuguesa, mas, sobretudo, novas funções e novos papéis sociais para os sujeitos envolvidos nos processos de ensino e de aprendizagem de língua.

Entretanto, os estudos recentes, com base na realidade escolar do ensino de Língua Portuguesa, revelam que na escola pública o ensino de LP ainda passa por um momento de transição entre o tradicional e o novo. Os docentes têm informações sobre os PCN's, sobre a importância dos gêneros textuais, da leitura e da escrita, da contextualização, interdisciplinaridade, mas por outro lado, encontram dificuldades para realizar procedimentos inovadores.

Um exame mais cuidadoso de como o estudo da língua portuguesa acontece, desde o ensino fundamental, revela a persistência de uma prática pedagógica que, em muitos aspectos, ainda mantém a perspectiva reducionista do estudo da palavra e da frase descontextualizadas (ANTUNES, 2003, p. 19)

Equívocos a parte, o ensino de língua portuguesa, em suas práticas habituais, segue tratando o gramatical como se fosse um conteúdo em si, e não como um meio para melhorar a qualidade da produção linguística. E assim, ensinada de forma

descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, que não corresponde a uma prática social de uso da língua.

Faltam aos professores (as), muitas vezes, recursos para substituir aquilo que estavam acostumados a fazer por algo que é novidade. Na prática da leitura, embora o professor se atenha, quase sempre, ao livro didático, observa-se o empenho em discutir as questões, principalmente de conteúdo, valorizando a participação discente. É a valorização do discurso do interlocutor, mas falta, realmente, um trabalho que dê mais ênfase à interpretação. A elaboração de textos escritos não é tão artificial e autoritária quanto a algumas décadas. Mas ainda hoje, o leitor é efetivamente, apenas o professor, julgador, há sempre, antes da escrita, uma discussão acerca de um tema focado em texto lido previamente. A questão da gramática, geralmente descontextualizada, fragmentada (ANTUNES, 2007), sem dúvida, vai exigir grande empenho dos docentes na reavaliação dos seus procedimentos pedagógicos.

2.2 O Ensino de Gramática na aula de Língua Portuguesa

Uma gramática descontextualizada, amorfa, da língua como potencialidade; gramática que é muito mais “sobre a língua” desvinculada, portanto, dos usos reais da língua escrita ou falada na comunicação do dia a dia. (ANTUNES, 2003. p, 31).

A epígrafe de Antunes parece ditar do tom da aula de gramática, na escola, ainda hoje. Os docentes da disciplina de LP ainda esbarram nos ranços da gramática tradicional, descrita acima e na dificuldade de se trabalhar essa gramática de outra forma: contextualizada, discursiva, reflexiva, que leve em consideração o texto, o contexto e o sujeito. Entre ensinar ou não ensinar gramática, os (as) professores (as) se questionam e, sem respostas que correspondam as suas expectativas, seguem ensinando as regras gramaticais que normatizam a variedade linguística padrão, apresentadas nas gramáticas tradicionais, como modelo do bom uso da língua.

E assim, a grande parte dos professores independente de ser favorável ao ensino tradicional, segue as orientações do livro didático. Percebe-se que eles não estão preparados ainda, para discutir e ensinar o uso e a funcionalidade dos elementos gramaticais. E assim, na sala de aula:

A falta de dimensão afetiva dos professores com a gramática dificulta a defesa do seu ensino e o esforço por parte do aluno. Nesse ambiente com pouca estimulação, com escassos recursos, materiais e onde as atividades são pouco diversificadas e exercidas de forma automatizada, desencadeia-se um sentimento de aversão e repulsa pela gramática. (RIBEIRO, 1992, p. 81)

Nesse cenário, geralmente as práticas mais comuns são: os conteúdos gramaticais são abordados isoladamente, como por exemplo, trabalha-se a gramática partindo de textos, entretanto dos mesmos são retirados e trabalhados apenas frases e palavras isoladas, desvinculadas do sentido do próprio. Os gêneros discursivos são subutilizados, trabalhando-se principalmente a norma culta, desconsiderando o funcionamento e a interação verbal de tais discursos construídos pelos sujeitos (WALL, 2009).

Em meio a essa crise, há tentativas de aulas reflexivas, contextualizadoras, interdisciplinares, projetos, oficinas didáticas entre outras possibilidades. Nem sempre, elas escapam de equívocos, mas se tornam possíveis, graças ao empenho de alguns mestres que tentam fugir do estritamente tradicional. Deste modo, ainda que timidamente, evita-se que o ensino da língua portuguesa torne-se cada vez mais distante da realidade linguística e cultural dos alunos.

2.3 Práticas mais comuns nas aulas de gramática – a perspectiva teórica

As práticas de linguagem, que constituem hoje boa parte das aulas de língua materna, foram solidificadas ao longo dos anos, repetindo-se no dia a dia do cotidiano das escolas, sendo aulas preparadas com apoio exclusivamente no livro didático. Trazemos a seguir, algumas práticas mais comuns em sala de aula, na visão de alguns autores que se debruçaram sobre a temática:

Ensinar as regras gramaticais (exposição, conceituação, classificação e exercício de fixação). A maior preocupação do ensino tradicional da gramática, de acordo com Antunes (2003, p.87) é citar regras que formam frases e fazer com que o aluno venha reconhecer o nome de cada elemento que a constrói, e não de fazer o aluno perceber o verdadeiro sentido que determinado elemento exerce nessa frase e, as inúmeras possibilidades que o mesmo, possa exercer em um texto, ou seja,

não faz uma análise os efeitos que esses elementos provocam tanto em textos orais quanto em textos escritos.

Tomar o literário como modelo de escrita e fala (os exercícios, as avaliações e a oralidade devem seguir esse modelo de boa linguagem). Uso de regras de caráter normativo, estabelecidas de acordo com a tradição literária clássica, da qual é tirada a maioria dos exemplos. “Tais regras e exemplos são repetidos anos a fio como formas “corretas” e boas a serem imitadas na expressão do pensamento” (TRAVAGLIA, 2006, p.101).

Acreditar que o aluno (a) não sabe a língua. Uma das principais causas de um ensino de língua materna, mal orientado, na escola tradicional, é o pressuposto de que o aluno não sabe a língua materna. “Isso leva o professor (a) a concentrar o esforço em “ensinar” coisas, sobretudo teoria gramatical e regras” (LUFT, 2009).

Ensino gramatical desarticulado das práticas de linguagem. Conforme os PCN's (1998), esse tipo de ensino apenas visa preparar o aluno para sair bem na prova. Isso por meio de exercícios de reconhecimento e memorização de terminologias gramaticais.

Esse conjunto de práticas, recortes trazidos aqui de forma resumida, se caracteriza como enfoque tradicional, que tem como finalidade o ensino de regras de bom uso da língua, ou seja, ensinar normas. Isso, para que o aluno tenha domínio das classes gramaticais e desse modo, sobressair-se nas situações em que se fizerem necessários os usos da linguagem.

No entanto, como diz Neves (2002) o ensino da gramática não consiste no ensino apenas das estruturas da língua isoladamente como vem ocorrendo, tomando-se como exemplo palavras soltas que não fazem nexos para os alunos. Esse ensino deve partir e ocorrer no momento de interação entre os alunos e professores, entretanto não é essa visão adotada na maioria das vezes em sala de aula.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 – A natureza da pesquisa

A presente pesquisa se insere no quadro das investigações de base quantitativa, de abordagem bibliográfica e observação não participante. O trabalho será realizado com uma amostra significativa de dados coletados em 04 (quatro)

escolas na cidade de Guarabira – PB, permitindo compreender a dimensão metodológica do ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, hoje. Acreditamos então, que a natureza quanti-qualitativa aplicada a esta pesquisa nos permitirá aprofundar nas reflexões de forma interpretativa, partindo das peculiaridades que abarcam toda a complexidade inerente aos fenômenos metodológicos observados.

3.2 Participantes e instrumentos da pesquisa

Serão selecionados 04 (quatro) professores, 01 (um) de cada uma das instituições de ensino básico que servirão de *lócus* para a pesquisa. Esses profissionais serão escolhidos seguindo critérios de vínculo com as instituições de ensino, o trabalho docente executado nessas instituições, sobretudo aquele trabalho envolvendo o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa e a disponibilidade para observação de suas práticas e para responder ao questionário destinado a eles.

3.3 Procedimentos metodológicos da pesquisa

Realizar o levantamento bibliográfico de obras teóricas sobre o ensino de LP, principalmente sobre as práticas de ensino de gramática na sala de aula: os conteúdos, os gêneros, as estratégias didáticas além daquelas indicadas no projeto. Em seguida, realização de leituras e sistematização de textos (ficha de resumo, ficha de citação e resenhas);

Observar, 04 (quatro) professores de língua portuguesa – 16h de observação, divididas entre 02 (dois) professores 08h para cada docente, sendo 04h por série do ensino fundamental;

Tratamento dos dados da pesquisa;

Elaboração e apresentação do artigo.

Apresentado o aporte metodológico, em seguida, apresentam-se os dados da pesquisa, tratados estatisticamente e discutidos a luz dos pressupostos teóricos que abordam linguagem, língua portuguesa e gramática.

4. APRESENTAÇÃO DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

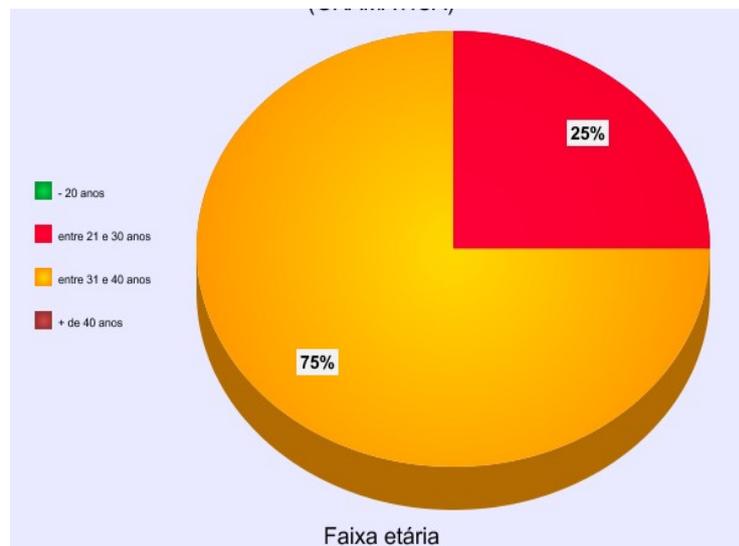
Este tópico apresenta e discute a pesquisa realizada com os 04 (quatro) professores (as) do ensino básico, cujo objetivo foi a partir de um breve perfil do (a) docente descrever e analisar algumas opções didático-metodológicas direcionadas

às práticas de gramática nas aulas de LP, no Ensino Fundamental de Escolas Públicas de Guarabira/PB. A discussão tem como subsídio teórico os estudos de Antunes (2003 e 2007) sobre o Ensino de Língua Portuguesa e sobre o Ensino de Gramática, além dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998 e 2001).

4.1 Apresentação e discussão dos dados da entrevista docente

Os gráficos apresentados a seguir, 10 no total, trazem dados quantitativos e qualitativos para a discussão. Questões que envolvem aspectos socioculturais dos (as) professores (as), bem como, aspectos metodológicos.

Gráfico 01 – Faixa etária do entrevistado (a).



Dados coletados pelo bolsista PIBIC – março/2016.

No gráfico 01, observamos que 25% dos professores (as) encontram-se na faixa etária compreendida entre 21 e 30 anos e, ainda jovens, saídos a pouco da universidade, em tese, mais próximos das discussões teóricas. A maioria, 75% dos entrevistados, situa-se entre 31 e 40 anos, um pouco mais distanciados da teoria, mas isso não é regra. Maior experiência de sala de aula e maior contato com práticas didático-metodológicas podem ser um diferencial no exercício da docência, desde que o profissional se atualize. Para Santiago (2007) “a formação continuada é uma atitude fundamental para o exercício profissional docente no intuito de estimular a busca do conhecimento e o aprimoramento da prática pedagógica”.

Gráfico 02 – A escolaridade do entrevistado (a)



Dados coletados pelo bolsista PIBIC – março/2016.

O gráfico 02 destaca que 100% dos entrevistados possui o curso superior em Letras. Destes, 75% concluíram a licenciatura na UEPB e 25% a UFCG. O tempo de conclusão da licenciatura em Letras situa-se entre 04 a 12 anos. Todos (as) possuem formação específica para ministrar aulas de língua portuguesa (gramática, leitura, produção de textos e literatura). Há casos, em algumas escolas, em que profissionais de outras áreas, ministram a disciplina de LP. Todos (as) já tiveram algum contato com as teorias linguísticas, portanto, estariam aptos a desenvolver práticas metodológicas mais produtivas para o ensino de gramática. Ser professor, no contexto atual, exige o domínio de diferentes saberes. “Na era do conhecimento e numa época de mudanças, a questão da formação de professores vem assumindo posição de urgência nos espaços escolares” (PERRENOUD, 2001 *apud* DASSOLER E LIMA, 2012). Quanto mais “preparado” teoricamente e metodologicamente, mais possibilidades tem de realizar suas atividades docentes, com sucesso, embora isso não seja uma garantia

Gráfico 03 – Pós-graduação do entrevistado (a)



Dados coletados pelo bolsista PIBIC – março/2016.

O gráfico 03 traz um dado importante para a discussão: todos (as) os entrevistados (as) afirmaram ter cursado uma Pós-Graduação (Especialização), e todos (as) estão cursando atualmente o Mestrado. Embora não destaquem as áreas de atuação, provavelmente na área de Letras, os (as) docentes buscaram o crescimento profissional, um forte indício do desejo de melhorar suas práticas de ensino de LP.

Gráfico 04 – Tempo no magistério



Dados coletados pelo bolsista PIBIC – março/2016.

O gráfico 04 mostra que aliado ao investimento na área (pós-graduação), 50% dos entrevistados (as) afirmam que exercem o magistério há pelo menos 06 anos. A outra metade 50% situa-se entre 10 e 20 anos de exercício de magistério. Provavelmente, aqueles mais novos na área pedagógica (saídos recentemente da universidade) teriam mais condições de realizar um ensino mais próximo às perspectivas teóricas recomendadas pelos PCN's (1998) e por outras diretrizes e estudos. No entanto, isso não garante um desempenho satisfatório na sala de aula.

Gráfico 05 – Quantidade de escolas em que atua



Dados coletados pelo bolsista PIBIC – março/2016.

No gráfico 05, aponta que 100% dos entrevistados ministram aulas em mais de 01 (uma) escola. A jornada dupla, de modo geral, inviabiliza qualquer atividade profissional e, trazendo a questão para a escola, pode prejudicar o desempenho do professor (a), como nos lembra Antunes (2003). A atividade de magistério exige planejamento e constante busca de conhecimento, ainda mais hoje, com a internet fornecendo informações através das mídias. O profissional de língua portuguesa deve estar atento às variadas formas de linguagens que circulam cotidianamente.

Gráfico 06 – Preparação profissional da universidade/faculdade

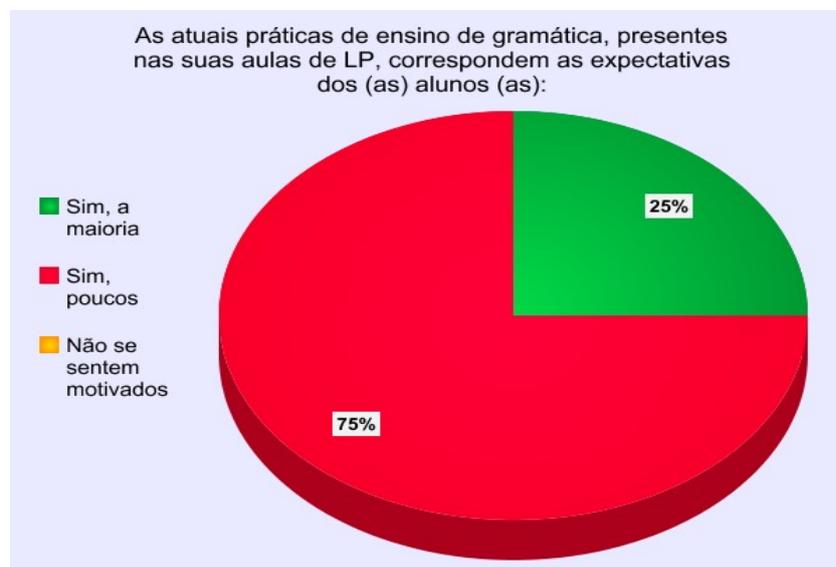


Dados coletados pelo bolsista PIBIC – março/2016.

No gráfico 06, divergindo do senso comum de que as instituições, de modo geral, não preparam os alunos (as) para o exercício pleno de uma atividade profissional, todos os entrevistados (as) concordam que a Universidade/Faculdade

os preparou para o ensino de Gramática, Leitura, Produção Textual e Oralidade. Normalmente o entendimento é o de que o papel da universidade é o de formar profissionais úteis e necessários à sociedade (SCHON, 1995). O que pode nos levar a entender que estes profissionais devem ser os que as escolas necessitam, respondendo assim, às necessidades das aulas de língua portuguesa e às necessidades do tempo histórico em que vivemos.

Gráfico 07 – Práticas e expectativas dos alunos (as)



Dados coletados pelo bolsista PIBIC – março/2016.

No gráfico 07, 75% afirmam que poucos alunos se dedicam ao estudo da gramática, em virtude de metodologias de ensino ainda tradicionais. Na verdade, de acordo com os professores, os alunos (as) não se interessam pela análise lingüística. Dos (as) professores (as) entrevistados, 25% afirmam que os alunos (as) se dedicam ao estudo da gramática por acreditarem que é importante o domínio da mesma. Essa importância atribuída pelos alunos, ao estudo da gramática, segundo Irandé Antunes (2003) advém do fato de que muitos professores ainda veem a avaliação com uma finalidade única, em que a aula é dada para preparar os alunos para irem bem durante a prova. O que acaba acarretando muitos prejuízos, porque a gramática passa a ser vista como suporte único e indispensável no processo de ensino.

Gráfico 08 – Práticas metodológicas na aula de gramática



Dados coletados pelo bolsista PIBIC – março/2016

O Gráfico 08 vem apontar o resultado sobre o questionamento das formas utilizadas para abordar a gramática em sala de aula, a maioria, 50% dos entrevistados afirmaram que as suas práticas de gramática eram tradicionais. De acordo com Travaglia, (2006, p.102), “ainda há professores que trabalham com a gramática apenas para cumprir um programa estabelecido em relação aos conteúdos e que nem sempre são levadas em conta as dificuldades dos alunos em relação à linguagem, isto é, as formas com as quais eles utilizam, ou deixam de utilizar nas situações cotidianas que eles deparam num processo de interação verbal”. Responderam que 25% que era contextualizada, partindo da interpretação de textos diversos, a fim de mostrar a função exercida pela palavra dentro de um contexto. Para Irandé (2014) as práticas de aulas contextualizadas, que deveriam ser a tônica, nas aulas de LP, ainda não são insuficientes para mudar o atual quadro de ensino de língua materna.

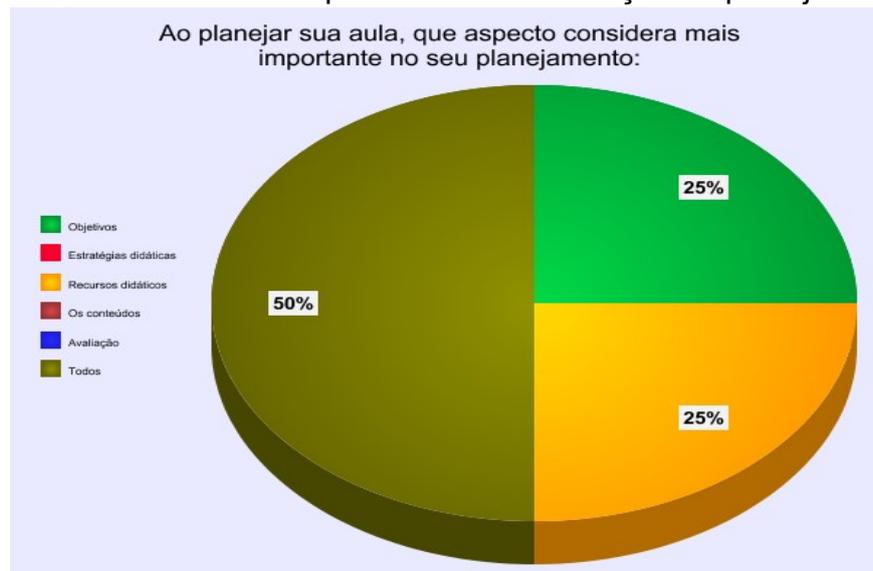
Gráfico 09 – Tempo dedicado aos conteúdos gramaticais



Dados coletados pelo bolsista PIBIC – março/2016

No gráfico 09, 50% afirmam que dedicam 3h/a para as práticas de gramática durante a semana, enquanto 25% afirma que dedica 1h/a, e 25% afirma que dedica 2h/a. Ambos utilizam esse tempo com diversos gêneros textuais, como gêneros jornalísticos, notícias, charges, crônicas, artigo de opinião, piadas entre outros. Como se percebe, a maioria dedica mais de 60% das aulas para o ensino da gramática, descontextualizada (ANTUNES, 2014). Embora se saiba que o ensino da gramática normativa é importante para o desenvolvimento da oralidade e da escrita do aluno, entretanto não se deveria utilizar boa parte do tempo da aula de LP, com o ensino de nomenclaturas. O papel do professor é trabalhar a norma aliada aos outros eixos de ensino, conforme preceituam os PCN's (1998).

Gráfico 10 – Conteúdos mais importantes na elaboração do planejamento



Dados coletados pelo bolsista PIBIC – março/2016

O gráfico 10, aborda os conteúdos mais importantes na elaboração do planejamento e 50% os professores afirmam que consideram mais importante ao planejarem as suas aulas os recursos didáticos, objetivos, estratégias didáticas, conteúdos e avaliação. Enquanto 25% afirma que considera mais importante o objetivo, e 25% afirma que os recursos didáticos são mais importantes. A conscientização de que o ensino de gramática vai além das regras e contextualização desse ensino deve se aliar ao planejamento, pois “Qualquer atividade, para ter sucesso, necessita ser planejada. O planejamento é uma espécie

de garantia dos resultados. (...) Não se pode improvisar a educação, seja ela qual for o seu nível.” (SCHMITZ, 2000, p.101). Desse modo, aula de gramática deve levar em consideração, outros aspectos, além de si própria.

De acordo com as questões levantadas sobre práticas metodológicas do ensino de gramática atualmente nas escolas, percebe-se que maior parte dos professores ainda se distancia das propostas apresentadas pelos PCN's (1998) de como se deve ensinar gramática. Segundo esse instrumento de orientação não se justifica tratar o ensino gramatical desarticulado das práticas de linguagem. Esse tipo de ensino apenas visa preparar o aluno para sair bem na prova. Isso por meio de exercícios de reconhecimento e memorização de terminologias. Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p.29) o que deve ser ensinado não responde às imposições de organização clássica de conteúdos na gramática escolar, mas aos aspectos que precisam ser tematizados em função das necessidades apresentadas pelos alunos nas atividades de produção, leitura e escuta de textos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revelou que os professores, de modo geral, possuem conhecimentos sobre as mudanças no ensino de LP e sobre as teorias disponíveis para ampliar as possibilidades deste ensino. Mas, mesmo aqueles que dizem ter conhecimento de outras abordagens do ensino de Gramática em língua portuguesa – realizaram pós-graduação – e de aprovarem essas abordagens como eficazes para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem do ensino de língua, ainda se mostram bastante apegados às regras e nomenclaturas gramaticais. Valorizam mais a gramática que outros eixos do ensino de LP, leitura, produção de texto e oralidade. No entanto, há tentativas de aulas contextualizadas e, essas experiências se deram através de projetos e oficinas didáticas. Mas ainda são poucas, pois ainda prevalecem as práticas já citadas: conceituação, classificação, exercícios de fixação, enfim, memorização. Ênfase no ensino de regras de bem falar e escrever, preparar para um concurso, para o ENEM. Como resultado, o aluno começa a entender que a aula de português não tem relação com sua realidade, uma vez que, aquela forma de comunicação não é utilizada em seu dia a dia e que, apesar de estar no livro, estão fora dos contextos do uso da língua.

É preciso então que o docente de LP apresente a seus alunos um novo modo de ver e de *ensinar* gramática: vista a partir da relevância, da funcionalidade, da contextualização, do interesse, da diversidade, do planejamento, enfim, uma gramática da língua e das pessoas, como afirma Antunes (2003). Do ponto de vista metodológico, estratégias didáticas que se oponham a rigidez gramatical das normas da língua padrão e se distancia da realidade dos alunos. Em contrapartida, estratégias que valorizem a contextualização, para que os alunos vejam os conteúdos de forma a refletir sobre os possíveis sentidos produzidos pelos textos, em diferentes momentos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Gramática Contextualizada: limpando “o pó das ideias simples”** São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

_____. **Muito Além da Gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Mudanças didáticas e pedagógicas no ensino de Língua Portuguesa: Apropriações de professores**. Belo Horizonte, Autêntica, 2010.

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola**. 22ª ed. São Paulo: Loyola, 2008.

BAKHTIN, M. (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Org.). **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BRANDÃO, F.; VIEIRA, R.; **Ensino de Gramática: descrição e uso**. 1 ed, São Paulo: Editora Contexto, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: SEF, (Parâmetros curriculares nacionais; v. 2). 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1998.

BRITTO, L. P. L. (1998). **Leitor Interditado**. In: MARINHO, M.; SILVA, C. S. R. (Orgs). **Leituras do Professor**. Campinas-SP: Mercado de Letras: Associação de leitura do Brasil – ALP. (Coleção Leituras no Brasil).

CHARTIER, R. (Org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

DASSOLER, O. B.; LIMA, D. M. S. **A formação e a profissionalização docente: características, ousadia e saberes**. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/3171/522>>- Acesso em 20 de Setembro de 2016

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 5 Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1984.

_____. (org.). **O texto na sala de aula**. 4ª. Ed. São Paulo: Ática, 2006.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: teoria & prática**. Campinas, SP: Pontes, 2008.

NEVES, M. H. M. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na Língua Portuguesa. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **A gramática-história, teoria, análise e ensino**. São Paulo. UNESP, 2002.

PERINI, Mário A. **Para uma nova gramática do Português**. São Paulo: Ática, 1989.

PERRENOUD, Philippe. **A ambiguidade dos saberes e da relação com o saber na profissão de professor**. In: Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza, do mesmo autor. Porto Alegre: Artmed Ed, 2001, p. 135-193.

RIBEIRO, Marinalva Lopes, O ensino de gramática: uma prática sem sentido? Revista da Universidade Estadual de Feira de Santana, nº. 10, p.79 -88, jul./dez. 1992.

SANTIAGO, Maria Eliete. **Ser professor/professora: convivência ética, respeitosa e crítica**. Revista de Educação AEC, Rio de Janeiro, v. 36 n. 145 jul./set., 2007, p. 61.

SANTOS, Carmi Ferraz (Org.); MENDONÇA, Márcia (Org.) ; CAVALCANTE, Marianne (Org.). **Diversidade Textual: os Gêneros na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SCHMITZ, Egídio. **Fundamentos da Didática**. 7ª Ed. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2000. (p. 101 a 110).

SCHNEUWLY, B., DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escolar**. (Trad. E organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

SCHÖN, D. A. Formar Professores como Profissionais Reflexivos. In: NÓVOA, A. (Org.) **Os Professores e a Sua Formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

SUASSUNA, Livia; MELO, Iran Ferreira; COELHO, Wanderley Elias. **Projeto Didático como Espaço de Articulação entre Leitura, Literatura, Produção de Texto e Estudo Gramatical**. In: BUNZEN, Clecio. & MENDONÇA, Márcia (Org.). *Formação do Professor de Ensino Médio: Desafios e Perspectivas para o ensino de Língua Materna*. São Paulo: Parábola, 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos; ARAÚJO, M. S. e ALVIM, M. T. F. **Metodologia e prática de ensino da Língua Portuguesa**. Uberlândia, EDUFU, 2007.

WEISZ, Telma; SANCHEZ, Ana. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. 2. Ed. São Paulo: Ática, 2002.